

DEFINIÇÃO E COMPARAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO ETHOS DO MST NAS MANCHETES DA REVISTA VEJA

DEFINITION AND COMPARATION IN THE CONSTRUCTION OF THE ETHOS OF THE MST AT THE HEADLINES OF THE VEJA MAGAZINE

Glenda Vieira Silva¹
Marcia Regina Curado Pereira Mariano²

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar como a revista *Veja* constrói o ethos do Movimento Sem Terra (MST) em suas manchetes, com base em estudos aristotélicos sobre Retórica e seus desenvolvimentos modernos com a Neo-retórica, enfatizando os conceitos de ethos e a construção do discurso por meio de argumentos quase-lógicos. A motivação do presente trabalho decorre do conflito retórico sobre opiniões sobre o MST. A análise realizada revela que a visão da revista não mudou ao longo dos anos.

Palavras-chaves: Retórica. Ethos. Manchetes. MST. Revista *Veja*.

Abstract: This paper aims to analyze how *Veja* magazine builds the ethos of the Movimento Sem Terra (MST) in its headlines. Based on aristotelian studies on rhetoric and its modern developments with Neo-rhetoric, this paper emphasizes the concepts of ethos and the construction of a discourse through quasi-logical arguments. The motivation of the present work arises from the rhetorical conflict about opinions about the MST. The analysis carried out reveals that the magazine's vision has not changed over the years.

Keywords: Rhetoric. Ethos. Headlines. MST. *Veja* magazine.

Introdução

Em 1850, com o fim do tráfico de escravos no Brasil, o Império decretou uma lei, chamada Lei de Terras, que consolidou a concentração de muitas terras nas mãos de poucos. Dessa lei é que se considera a origem dos latifundiários brasileiros e da prática da apropriação de terras através de documentos forjados, base para uma sociedade desigual. Já no final da década de 60, as contradições do modelo agrícola tornaram-se mais intensas e, diante da violência do Estado, ressurgem as ocupações de terra, sendo símbolo da luta de resistência contra a ditadura militar. De acordo com o *site* do movimento, apesar de ocupações históricas nas décadas de 70 e 80, o MST

¹ Graduanda em Letras pela Universidade Federal de Sergipe.

² Doutora em Língua Portuguesa pela USP. Professora da Universidade Federal de Sergipe.

(Movimento Sem Terra), ou o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, só foi fundado, como movimento nacional do povo camponês, em 1984, durante o 1º Congresso Nacional dos trabalhadores rurais.

O *site* do MST³ aponta uma disputa entre dois modelos agrícolas no Brasil: o agronegócio, voltado à monocultura e exportação, e o projeto da pequena agricultura, voltado para a produção de alimentos para o consumo interno. Diante da ascensão do agronegócio no cenário brasileiro, o pequeno agricultor e a Reforma Agrária foram ficando de lado. Nos dias atuais, o MST, em seu programa agrário, tem como base a agroecologia, que visa uma Reforma Agrária que deve começar com a democratização da propriedade da Terra, mas organizando a produção de uma forma diferente, priorizando a produção de alimentos saudáveis para o mercado interno, combinando uma economia que distribua renda e que respeite o meio ambiente.

O Movimento traz consigo a bandeira da cultura, da reforma agrária, do combate à violência sexista, da democratização, da comunicação, do desenvolvimento, da diversidade étnica e da soberania nacional e popular. Reconhecendo que os propósitos e as ações do MST constituem um contradiscurso em relação ao dominante discurso capitalista e neoliberal assumido por muitos veículos midiáticos e por muitos governantes de nosso país, o presente trabalho tem como objetivo analisar trechos de manchetes da revista *Veja*, publicada pela Editora Abril, sobre o MST. A editora foi fundada dia 11 de setembro de 1968, com o lançamento dessa revista, contendo reportagens sobre o que acontecia no Brasil e no mundo⁴. Em junho de 1997 passou a publicar também na *internet*.

Tendo em vista que a Retórica se ocupa daquilo que é passível de diferentes pontos de vista, que é conflituoso, controverso, propomos, neste artigo, partir dos estudos retóricos e neo-retóricos de Aristóteles (2011), Ferreira (2010), Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) e Amossy (2013). Inicialmente traçaremos um breve panorama da Retórica com conceitos que serão importantes para essa análise, seguindo com a análise das manchetes, visando a observar como se dá a construção da imagem discursivas (ethos) do MST na revista. Assim, pretendemos responder aos seguintes questionamentos: que ethos é revelado em discursos produzidos pelo orador (a revista *Veja*) acerca desse movimento? Quais as estratégias utilizadas na construção desse ethos? Com intuito de chegar às respostas, seguimos com nossa base teórica, iniciando por uma retomada sucinta da Retórica.

³ <http://www.mst.org.br/>

⁴ <https://veja.abril.com.br/>

Breve panorama da Retórica

Aristóteles é uma figura significativa para o Mundo Antigo, pois ele analisa com detalhes a relação homem e linguagem, e seus estudos servem de base para a Retórica. Ferreira (2010, p. 44) afirma que, com a publicação de *Retórica*, o filósofo inova os estudos retóricos de sua época, e que seus estudos sobre o texto persuasivo refletem nas pesquisas linguísticas até os dias atuais.

Já Mosca (2001, p. 21) diz que Aristóteles: “Encontrou a possibilidade de uma dialética entre verdade e aparência de verdade, ou seja, o verossímil, podendo-se falar mais propriamente em representação da verdade, que emerge do senso comum e que se corporifica nos discursos do homem.”. Portanto, o estagirita se baseia nos conhecimentos prováveis e não em certezas, estando a Retórica, deste modo, situada no “campo da controvérsia, da crença, do mundo da opinião, que se há de formar dialeticamente, pelo embate das ideias e pela habilidade de manejo do discurso.” (MOSCA, 2001, p. 20).

Ao longo da história, a Retórica passou por diversos percalços, indo do auge ao declínio, do declínio ao renascimento. E, mesmo com todas as dificuldades e questionamentos voltados a ela, não desapareceu totalmente. Ferreira (2010) afirma que apesar de a tradição aristotélica ter servido de base para a Retórica moderna, durante muito tempo houve um afastamento dessa tradição, pois dava-se prioridade a ideais claros e provas lógicas, tendo sido tal pensamento uma das contribuições para o declínio da Retórica.

Ferreira (2010) e Mosca (2001) relatam que nos anos 60 houve o renascimento da Retórica (que se iniciou, mais especificamente, em 1958, com o lançamento dos livros de Perelman e Olbrechts-Tyteca e de Toulmin), quando foram retomadas as tradições aristotélicas e relacionadas às tendências de retórica atuais. Mosca (2001), que prioriza a Retórica Aristotélica, afirma que ter essa base como um instrumento norteador para as tendências atuais foi um fator que ajudou a manter a Retórica viva. Essa Retórica moderna, além de retomar, vem também renovar a Retórica da Antiguidade. Ferreira (2010), diante dessa incorporação e atualização da Retórica, afirma que as novas retóricas “Enriquecem a visão de mundo, fomentam o diálogo, infiltra-se nos meios de comunicação, aproxima-se dos atores políticos, econômicos, sociais, que atuam no espaço público.” (p.46).

Nesse contexto de Neo-retóricas surgem teóricos que contribuem com as teorias da argumentação, sendo os principais: Perelman e Olbrechts-Tyteca, Meyer e Lempereur – com lógicas não formais; Grize e Vignaux, – com lógicas naturais; e, Klinkenberg, Dubois, Minguet, Edeline, Pire e Trinon – com a Retórica Geral. (MOSCA, 2001). Dentre as noções aristotélicas

retomadas e repensadas a partir dos anos 60, interessa-nos, para a análise dos nossos *corpora*, os tipos de argumentos, com base em Perelman e Olbrechts-Tyteca (particularmente os argumentos da definição e da comparação, para os quais reservamos um espaço na próxima seção), e o ethos, que, segundo Maingueneau (2008), só retornou aos estudos linguísticos na década de 80, com Ducrot.

Segundo Ferreira (2010), para a construção do discurso persuasivo, a Retórica vale-se, essencialmente, de um triângulo retórico composto por funções enunciativas e imagens discursivas: 1. Orador (*ethos*) – “o orador tem credibilidade assentada no seu caráter, na sua virtude, na sua honra, na confiança que lhe outorgam.”; 2. Auditório (*pathos*) – “para movê-lo, é necessário comovê-lo, seduzi-lo, convencê-lo a partir de um acordo, de um casamento de interesses centrado nas cenas e paixões do auditório.”; 3. Discurso (*logos*) – “pode revestir-se de diversas tipologias, numa dependência direta da questão subjacente ou expressamente colocada.” (p. 17).

Na Antiguidade a noção de ethos se designava como a construção de uma imagem confiável de si com o objetivo de obter sucesso na oratória. Ligado por Aristóteles ao caráter construído pelo orador no discurso (ARISTÓTELES, 2011), para Ferreira (2010), trata-se de um “conjunto de traços de caráter que o orador mostra ao auditório para dar uma boa impressão. Incluem-se nesses traços as atitudes, os costumes, a moralidade, elementos que aparecem na disposição do orador.” (p. 19-20). Mas a construção não acontece necessariamente com o orador falando de si; Amossy (2013, p. 9) afirma que só “suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa.”.

Ainda sobre o ethos, Ferreira (2010, p. 100) afirma que:

O fato do orador se colocar diante de um auditório e tomar a palavra (escrita ou falada) implica uma construção de uma imagem de si pelo auditório. O que dá visibilidade a essa imagem são as escolhas discursivas do orador. Como a retórica se ocupa de probabilidades, de questões controversas que levam, por meio das provas retóricas e dos argumentos ao crível, o ethos cumpre a incumbência de dar uma resposta à questão levantada, e de levar ao auditório a partilhar a tese do orador e, assim, ser persuadido.

Na análise retórica moderna, segundo Ferreira (2010, p. 90), aceita-se “como *ethos* a imagem que o orador constrói *de si e dos outros* no interior do discurso.” (grifos do autor), como consideramos neste trabalho. O autor afirma, portanto, que pode-se analisar a construção dos *ethé*⁵ do orador efetivo e de outros, que podem ser pessoas, classes sociais ou instituições presentes no discurso. Estando essas construções inscritas no texto, a partir das escolhas feitas pelo orador,

⁵. *Ethé* é plural de ethos.

privilegiamos, em nossa análise, as escolhas lexicais e o uso de dois argumentos em particular, sobre os quais falaremos a seguir.

Os argumentos em Perelman e Olbrechts-Tyteca – a definição e a comparação

Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2015), os argumentos estão sob duas características. Os argumentos de ligação, com caráter positivo, visam a aproximação dos argumentos. Já os argumentos de dissociação, de caráter negativo, visam o afastamento de teses. Para os autores ainda os argumentos de ligação são classificados em: argumentos quase lógicos, argumentos fundados na estrutura do real e argumentos que fundam a estrutura do real. De acordo com a exigência dos nossos *corpora*, nos deteremos nos argumentos quase lógicos.

Os argumentos quase lógicos, segundo Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), têm por objetivo persuadir pela força de convicção. Por mais que apresentem-se como próximos a raciocínios formais, lógicos ou matemáticos, há diferenças entre aspectos formais e esses argumentos. É exatamente por ter sua aparência demonstrativa que são argumentos quase-lógicos. Ferreira (2010) diz que esses argumentos possuem “força persuasiva na proximidade (semelhança) com argumentos formais” (p. 149), ou seja, por terem sua aparência lógica, mas, por permitirem a refutação, não são lógicos. Ferreira (2010), afirma ainda que trata-se da lógica do razoável, que se estrutura na verossimilhança, tratando-se de técnicas discursivas que ajudam o orador a provocar certa adesão em seu auditório.

Dentro dos argumentos quase lógicos existem a contradição e incompatibilidade, a identificação e a definição, argumentos de comparação, argumentos de sacrifício, argumentos de transitividade, argumentos de reciprocidade. No presente trabalho daremos enfoque aos argumentos de definição e os argumentos de comparação, como já informamos.

Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), a definição perpassa pela identificação de diversos elementos que são objetos do discurso, tem por objetivo a utilização de conceitos, aplicando-lhes uma classificação, conduzindo para a indução e visa uma identificação completa ou parcial entre os elementos que são confrontados. Segundo os autores, a construção de uma definição volta-se a uma escolha, que pode justificar ou valorizar algo. Ao utilizar as definições como argumento, pressupõe-se a possibilidade de múltiplas definições e que os termos correlacionados possuem estreita interação.

Já as comparações “cotejam vários objetos para avaliá-los um em relação ao outro” (PERELMAN E OLBRECHTS-TYTECA, 2005, p. 275). Podem ocorrer por oposição,

ordenamento ou ordenação quantitativa. Os autores afirmam ainda que quando comparados a objetos inferiores essa aproximação não é positiva; se se tem por objetivo desqualificar algo ou alguém, compara-se com algo que ele despreza. Para Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005) toda comparação trata-se de uma desqualificação e os seres que são comparados fazem parte de um mesmo grupo.

Como já mencionado, trabalharemos a seguir manchetes da revista *Veja*, que se referem ao Movimento Sem Terra, mostrando como os elementos argumentativos tomam forma na construção do ethos dessa organização.

Análise das manchetes – o ethos do MST, de acordo com a revista *Veja*

As manchetes analisadas são de autoria da revista *Veja* (tomando-a como um orador composto por uma equipe de diretores, jornalistas e outros profissionais), não sendo levadas em conta as matérias completas. Correspondem ao período de 2008 a 2017 e são direcionadas a seus leitores e assinantes – o auditório, podendo também atingir outros tipos de leitores. As manchetes selecionadas, a partir de sua referência ao movimento, foram as seguintes:

- I. “MST e Via Campesina praticam é terrorismo”, publicada em 10 mar 2008;
- II. “O MST E O TERRORISMO OFICIALIZADO”, publicada em 5 nov 2009;
- III. “Vandalismo no campo. O MST é nossa Al Qaeda”, publicada em 8 out 2009;
- IV. “O estado paralelo do MST, as mortes no campo e as mistificações”, publicada em 6 fev 2013;
- V. “Lula participa de ato em defesa do ‘exército’ do MST. Trata-se, evidencia a polícia, de um exército de criminosos”, publicada em 7 nov 2016;
- VI. “As invasões da semana confirmam que o MST é a versão rural do PCC”, publicada em 29 jul 2017;
- VII. “Editorial do Estadão: A ousadia do MST”, publicada em 27 jul de 2017.

Ao analisarmos a primeira manchete (“MST e Via Campesina praticam é terrorismo”), vemos que a revista faz associação entre o MST e a Via Campesina, uma organização de âmbito internacional composta por movimentos sociais e camponeses, que tem por objetivo a mobilização social dos povos do campo. Essas duas organizações são ligadas, ainda segundo a revista, ao terrorismo, não sendo citados um feito ou uma determinada situação que justifique a associação.

O verbo “praticar”, conjugado no presente do indicativo e na 3ª pessoa do plural, “praticam”, é utilizado para afirmar que o terrorismo é algo constante nessas organizações.

Na segunda manchete (“O MST E O TERRORISMO OFICIALIZADO”), o termo “terrorismo” empregado ao MST é retomado, adicionando-se, ainda, que se trata de um terrorismo oficializado. Segundo o dicionário, entende-se por terrorista:

Quem se utiliza da violência para atingir objetivos políticos, geralmente praticando atentados para desorganizar uma sociedade, buscando o poder. Quem usa do radicalismo ou do autoritarismo para, de forma violenta, impor uma crença religiosa, uma causa ou ideologia, não aceitando oposições. (TERRORISTA, 2019).

A revista ao escolher e associar o terrorismo ao MST lhe atribui todas as características deste, define seus integrantes, pois, como violentos, propagadores da desorganização na sociedade, ambiciosos, radicais, autoritários e intolerantes. Mais do que um juízo de semelhança, a revista utiliza-se da comparação com terroristas para afirmar que os camponeses sem terra fazem parte do mesmo grupo.

Além da prática de terrorismo, na terceira manchete (“Vandalismo no campo. O MST é nossa Al Qaeda”) a revista acusa o MST de uma outra prática: o vandalismo no campo. Tomando novamente o conceito do dicionário, vandalismo seria: “Destruição ou estrago que, normalmente sem motivo aparente, se faz em bens públicos, monumentos históricos, propriedades privadas, etc [...] ²Ação ou modo de agir dos vândalos, das pessoas que buscam destruir tudo.” (VANDALISMO, 2019). Ao afirmar que o MST é vândalo, a revista volta a definir de forma negativa o ethos alheio e as suas práticas no campo.

É acrescentado ainda, na terceira manchete, que o MST é “nossa Al Qaeda”. A Al Qaeda trata-se de uma organização terrorista, conhecida mundialmente, composta por islâmicos fundamentalistas e fundada por Osama Bin Laden (1957-2011). É conhecida por se dividir em várias células e por seus atentados, o mais famoso já realizado pelo grupo foi o ataque terrorista de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos. Ao comparar o MST à Al Qaeda, a revista associa o modo de organização desses dois como igual. Assim como a Al Qaeda, o MST está dividido em várias células em diversos lugares no país. E, classifica ainda suas práticas como algo que prejudica a sociedade e causa danos irreparáveis.

Retomando os termos atribuídos ao MST, nota-se uma recorrência na utilização da palavra “terrorismo” e o uso de nomes relacionados à prática terrorista, como “Al Qaeda” e “PCC”. Por meio desses termos, a revista *Veja* estabelece uma relação entre as organizações, fazendo uso do argumento de comparação, quando associa esses grupos aos sem-terra. Segundo Perelman e

Olbrechts-Tyteca (2005, p. 277), “para desqualificar alguém, um procedimento eficaz é cotejá-lo com o que ele despreza [...]”. Ou seja, diante das práticas criminosas desses grupos internacionais, que são de conhecimento e desaprovação da sociedade como um todo, o orador constrói seus argumentos comparativos com a aproximação desses grupos ao MST. Os autores afirmam ainda, que toda comparação desqualifica, sendo esse, portanto, o objetivo da revista.

Na quarta manchete (“O estado paralelo do MST, as mortes no campo e as mistificações”) o MST é considerado um estado paralelo, desassociado ao governo, por consequência disso estaria longe dos valores éticos e institucionais que regem uma sociedade. A revista associa esse estado a mortes no campo e, com isso, afirma que o Movimento se trata de uma política que comanda um determinado local, que seus integrantes são enganadores e que não passam de uma farsa.

Na quinta manchete (“Lula participa de ato em defesa do ‘exército’ do MST. Trata-se, evidencia a polícia, de um exército de criminosos”) há uma referência ao ex-presidente Lula; a manchete cita que ele participa de um ato em defesa do MST. Temos, pois, uma associação de um partido de esquerda a esse movimento social. Vale ressaltar, que no conflito político entre esquerda e direita, a esquerda no Brasil é considerada por muitos como comunista, o que iria de encontro à posse de grandes latifúndios por poucas pessoas.

O MST é referido ainda como um “exército”, entre aspas, denotando um sentido pejorativo de um exército falso, ilegal, No *Dicionário online* (2019), compreende-se por exército, no sentido figurado, uma grande quantidade ou multidão. A manchete continua afirmando: “Trata-se, evidencia a polícia, de um exército de criminosos”. Ao trazer uma fala da polícia, a revista faz uso de um argumento de autoridade que busca salvaguardar a coerência do problema e afirmar a veracidade de sua opinião, ganhando assim a confiança de seu auditório.

É atribuída ao MST mais uma característica, de que seus participantes são criminosos, tomando o conceito do dicionário mais uma vez, criminoso significa:

¹Bandido; aquele que infringe as leis, o código penal, cometendo infrações ou crimes. ² Aquela que tem uma ação socialmente reprovável: era um criminoso nato. ³Que contém crime ou intenção criminoso; que se relaciona com crime. (CRIMINOSO, 2019).

A opinião da revista fica clara aqui ao associar as práticas do MST ao crime organizado. Mesmo que as ocupações de terras improdutivas sejam asseguradas pela Constituição Federal, é atribuído aos membros do MST o *status* de criminosos e fora da lei.

Na sexta manchete (“As invasões da semana confirmam que o MST é a versão rural do PCC”) ao invés de ocupações, termo que é utilizado pelo Movimento, a revista faz a escolha do

termo “invasões”; considera ainda que o MST é a versão rural do PCC. O PCC, segundo o *site* dos Significados (2019), “é uma facção criminosa brasileira que comanda diversos atos ilícitos, como assaltos, sequestros, assassinatos, tráfico de drogas e rebeliões nos presídios.”. Assim, pois, entende-se que além de invasores de terra, o MST pratica atos ilícitos, é um grupo de bandidos, um bando. Por fim, na sétima e última manchete (“Editorial do Estadão: A ousadia do MST”), há a afirmação de que o MST é ousado. Diante das características e práticas que a revista atribuiu ao Movimento, entende-se que essa ousadia se refere a audácia, a atrevimento.

A *Veja* utiliza-se, ainda, dos argumentos de definição, quando confere ao MST conceitos como “terrorista”, “vândalos”, “criminosos”, “bandidos” e “ousado”. Cria-se assim uma identidade do MST com definições variadas, mas aproximadas, que generalizam as práticas do Movimento. Desse modo, esse orador faz escolhas ao definir, levando em consideração o que lhe é de interesse.

É possível, portanto, identificar os argumentos quase lógicos presentes na construção das manchetes, pois o orador utiliza-se de uma pretensa lógica para deixar clara sua oposição ao MST, no entanto, por haver diversas opiniões e crenças sociais, está sujeita a refutações. Dentre os argumentos quase lógicos, utiliza de forma recorrente os argumentos de definição e os argumentos de comparação, com o intuito de diminuir a importância social do movimento e de construir uma imagem negativa do MST para seus leitores.

Considerações finais

O apelo persuasivo, portanto, é explícito. A *Veja* repete a mesma ideia com outras palavras, reafirmando pontos negativos do Movimento. Os trechos das manchetes não possuem nenhuma neutralidade, o orador deixa marcas evidentes da sua opinião, não mantendo a neutralidade comum a jornalistas. A revista opta ainda por não fazer nenhuma menção a práticas positivas do Movimento. Concluímos que os argumentos utilizados fazem com que se crie uma imagem negativa, sem a preocupação com a preservação da face do Movimento. A revista demonstra preocupação ao assegurar o que é o bem e o mal, o digno e indigno, sob o seu ponto de vista. Ao explorar o verossímil, incumbe a si a sensação de argumentar sobre o que é verdade. Mas, por fim, apresenta argumentos falaciosos, pois, por conta de sua lógica inconsistente, falha na capacidade de provar a sua eficácia.

Conforme constrói o ethos do Movimento Sem Terra, o orador expõe e define seu próprio ethos. Além do posicionamento político-ideológico de direita, avesso aos direitos humanos e sociais, compõe sua imagem baseada em princípios morais conservadores, que tem como objetivo

salvaguardar uma pretensa moral e um pretense bem comum da sociedade, já que alerta e faz denúncias contra as práticas ruins do MST (julgadas inadequadas pela revista) e, espera, ainda, que o auditório esteja em harmonia com o seu pensamento.

Ao realizar uma construção simbólica da realidade, a revista trata nas manchetes de uma imperfeição percebida por ela, que precisa, então, ser alterada, modificada e corrigida. Como formadora de opinião, a revista se utiliza do verossímil para moldar a opinião de seus leitores segundo seus interesses próprios.

Ao analisar essas manchetes, observamos, portanto, que, por meio de argumentos retóricos, a revista constrói uma imagem negativa e generalizada do MST. As comparações e definições que foram empregadas ao Movimento possuem o intuito de desqualificar suas causas, lutas e práticas no campo, bem como de persuadir seus leitores a aderirem a esse ponto de vista. Assume ainda, uma postura que se diz ética e credita o mesmo ao seu auditório, com quem estabelece acordos de aproximação. Concluimos com esta discussão, que o ethos criado do MST nas manchetes da *Veja* reflete muito mais o ethos da revista e do seu auditório, que se mostram contrários a políticas sociais.

Referências

AMOSSY, Ruth. (org.) *Imagens de si no discurso – a construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2013.

ARISTÓTELES. (384-322 a.C.). *Retórica*. Tradução de Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2011.

CRIMINOSO. In: *DICIO*, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2018. Disponível em < <https://www.dicio.com.br/criminoso/> > Acesso em 01 de Junho de 2019.

EXÉRCITO. In: *DICIO*, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2018. Disponível em < <https://www.dicio.com.br/exercito/> > Acesso em 01 de Junho de 2019.

FERREIRA, Luiz Antonio. *Leitura e persuasão – princípios de análise retórica*. São Paulo: Contexto, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana. *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-29.

MOSCA, Lineide do Lago Salvador. (org). *Retóricas de ontem e de hoje*. São Paulo: Humanitas, 2001.

PCC. In: *DICIO*, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2018. Disponível em: < <https://www.significados.com.br/pcc/> > Acessado em: 01 de Junho de 2019.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie-. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. [original de 1958].

TERRORISTA. In: *DICIO*, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2018. Disponível em < <https://www.dicio.com.br/terrorista/> > Acesso em 01 de Junho de 2019.

VANDALISMO. In: *DICIO*, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2018. Disponível em < <https://www.dicio.com.br/vandalismo/> > Acesso em 01 de Junho de 2019.

Recebido em: 29/1/2020

Aprovado em: 9/3/2020